

MOBILIÁRIO LUSÍADA EM ESPANHA
– ENCOMENDA, CIRCULAÇÃO, CONSUMO E COLECCIONISMO –
DO SÉCU– LO XVI AO NOSSOS DIAS

LUSÍADA (PORTUGUESE EXPANSION) FURNITURE IN SPAIN – ORDER, CIRCULATION,
CONSUMPTION AND COLLECTING – FROM 16TH CENTURY TO OUR DAYS

Miguel Cabral de Moncada*
Instituto Politécnico de Tomar
Instituto de Historia de Arte da FLUL

Resumo.

Uma das consequências dos Descobrimentos Portugueses (1415-1543) foi a criação de um novo estilo artístico, sem paralelo em nenhum outro país do mundo – a Arte Lusíada – na qual o mobiliário teve especial relevo. Pela sua raridade, exotismo, beleza, luxo e qualidade teve grande impacto na Europa de quinhentos e seiscentos, tornando-se imprescindível nas «Kunstkammer» das elites europeias. A rainha Dona Catarina de Áustria teve grande importância na disseminação do gosto pelo consumo de mobiliário Lusíada na Europa, particularmente em Espanha, tendo presenteado inúmeros parentes seus da Casa Real espanhola. Quando em 1580 Filipe II se tornou rei de Portugal o acesso das elites espanholas ao mobiliário Lusíada tornou-se directo e muito mais rápido, chegando pela Rota do Cabo ou pelo Oceano Pacífico. A comprová-lo estão os inúmeros exemplares actualmente existentes em museus, colecções públicas e privadas, igrejas e conventos espanhóis, paralelamente ao seu constante aparecimento no Mercado de Arte espanhol.

Palavras chave: Mobiliário Lusíada, Ásia, Portugal, Espanha, Mercado de Arte

Abstract

Consequence of the Portuguese Discoveries (1415-1543) was the creation of a new artistic style, unparalleled in any other country in the world - Lusiada Art - in which the furniture had special relief. For their rarity, exoticism, beauty, luxury and quality had a great impact in 16th and 17th century European elites, making it indispensable in their "Kunstkammer". Queen Dona Catherine of Austria was of great importance in spreading the taste for consumption Lusiada furniture in Europe, particularly in Spain and presented many of his relatives of the Spanish Royal House. When in 1580 Philip II became king of Portugal the access of Spanish elites to Lusiada furniture became direct and much faster, coming by the Cape Route or the Pacific Ocean. Proof of this are the numerous

*E-mail: miguel.moncada@cml.pt

exemplars existing in Spanish museums, public and private collections, churches and convents, parallel to their constant appearance in the Spanish Art Market.

Keywords: Lusíada Furniture, Asia, Portugal, Spain, Art Market

1. Arte Lusíada. Arte dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa no Mundo¹

Uma das mais importantes consequências dos Descobrimentos Portugueses – 1415-1543 – foi a produção de obras de arte, resultado do encontro da cultura portuguesa com as culturas de outros povos espalhados pelo mundo, com os quais Portugal se foi deparando no seu movimento expansionista. O encontro de culturas que nunca antes tinham tido contactos directos, fez nascer um novo estilo de arte, sem paralelo em nenhum outro país do mundo – a Arte Lusíada – na qual se criou, em vários domínios, objectos de extraordinária inovação, qualidade e beleza, que deliciaram, na época, todo o mundo e ainda hoje o encantam.

Todas estas peças, com influência dos mais diversos povos e culturas do Mundo não europeu, têm um denominador comum – Portugal – dando-se o nome de Arte Lusíada a toda a arte com origem no movimento expansionista português, independentemente do local do Mundo onde ela tenha sido criada, desenvolvida e executada. Sendo assim, as peças de Arte Lusíada, podem ter sido executadas em Portugal Continental, nos arquipélagos atlânticos, no Benim, na Guiné, no Congo, no Brasil, na costa oriental africana, na Arábia, na Índia, no Ceilão, no Golfo de Bengala, no sudeste asiático, na Malásia, em Timor, no Bornéu, na China, no Japão, em Manila, ou em qualquer outro local do Globo. É muito importante manter-se uma visão de conjunto sobre toda esta produção para melhor se poder entendê-la e para se poder ter uma concreta noção do «peso», importância e influência que a Arte Lusíada e Portugal tiveram no desenvolvimento das artes europeias dos séculos XVI e XVII.

Só se produziu Arte Lusíada quando os portugueses contactaram com povos suficientemente desenvolvidos, com civilização material minimamente evoluída, para terem capacidade de receber a sua influência e, ao mesmo tempo, capacidade para dar a sua própria cultura. É nesse sentido que a Arte Lusíada é verdadeiramente uma Arte de encontro e fusão entre duas civilizações, as quais nunca antes tinham tido contactos directos.

Com a chegada à costa ocidental indiana, com a instalação em Cochim, com a conquista de diversas cidades costeiras e com a definitiva conquista de Goa, em 1510, e a sua paulatina transformação em capital de todo o Império Português do Oriente – *O Estado da Índia*, nasceram as condições para que as duas grandes culturas mundiais da época – a europeia e a asiática – finalmente se encontrassem na sua plenitude. A riqueza, exuberância e luxo nas produções

asiáticas que os portugueses foram encontrar no Índico e no Extremo Oriente, deslumbraram-nos e, através deles e das suas descrições, toda a Europa da época.

Por quase toda a Ásia – Pérsia, Índia, Ceilão, Sudeste Asiático, China e Japão – podia-se encontrar, com pequenas diferenças, o mesmo espírito. Era o domínio das técnicas e dos materiais: das pedras e dos metais preciosos, das cerâmicas, da pintura, da escultura, dos tecidos, dos metais, das madeiras tropicais e de uma enorme quantidade de outras matérias-primas exóticas – diamantes e outras pedras preciosas, ouro, prata, marfim, tartaruga, madrepérola, cristal-de-rocha, coco-do-mar, madeiras exóticas, laca, massa asfáltica, corda de fibra de bananeira, bambu, etc. –, alguns deles inexistentes e desconhecidos na Europa e que estas regiões possuíam em quantidade. No Extremo Oriente desenvolviam-se as técnicas da laca. A técnica do azulejo e da tapeçaria era dominada na Pérsia. Na China eram as sedas e as porcelanas. As pedras preciosas, o cristal-de-rocha e o marfim eram eximamente trabalhados no Ceilão. No Guzerate os trabalhos com madrepérola. Nas costas da Índia as produções integrando ouro e prata, tartaruga e marfim, ébano, angelim e teca. A variedade de produção artística era imensa.

Simultaneamente, também os orientais ficaram espantados com a cultura e o desenvolvimento material dos portugueses. As diferenças existentes entre os dois pólos culturais e a novidade do encontro, criaram as condições para que, um pouco por todo o lado, essa junção e fusão de culturas acontecessem.

Dessa junção e fusão de culturas não surgiram resultados homogêneos. Na verdade, como os povos do além-mar com que os portugueses se encontraram pertenciam a diferentes culturas – étnicas, religiosas, linguísticas, materiais, políticas, económicas, etc. – a produção artística era muito diversificada de local para local, quer em termos dos ramos da arte desenvolvidos, quer em termos dos concretos bens produzidos – das suas formas e das suas específicas decorações. Assim, produziram-se bens Lusíadas nas áreas da: arquitectura; pintura; escultura; prata, ouro e jóias; mobiliário; têxteis; e metais. Dentro destes produziram-se as mais diversificadas tipologias, a maior parte delas de origem portuguesa/europeia, diversas de origens orientais e ainda algumas, elas próprias Lusíada, por nunca antes terem sido produzidos por nenhuma outra cultura ou civilização.

Foi ao nível estilístico e dos materiais e técnicas utilizados que as maiores inovações ocorreram. A maior parte dos bens Lusíada possui uma estrutura e forma portuguesa/europeia, sendo a sua decoração caracteristicamente asiática, ao gosto de cada um dos povos que intervinha na produção e de acordo com as capacidades e os hábitos de produção dos respectivos artífices. Por outro lado, a enorme diversidade de matérias-primas utilizadas na produção dos bens eram quase exclusivamente de origem não europeia, sendo os bens executados por artífices, na esmagadora maioria dos casos, também eles não europeus, os quais dominavam as concretas técnicas de trabalhar cada um dos diferentes materiais.

É de realçar a superior qualidade, requinte, luxo, exotismo e exuberância das peças de Arte Lusíada. Muito provavelmente, terão sido essas características que mais têm contribuído ao longo do tempo para deslumbrar as pessoas, desde a

longínqua época do início da sua produção, nas primeiras décadas séculos XVI, até a actualidade.

Os locais de produção são normalmente regiões, de maiores ou menores dimensões, com uma unidade étnica, religiosa, cultural e artística pré-existente relativamente à chegada dos portugueses. A esses locais de produção dá-se o nome de vertentes: Açores; Afro-Portuguesa; Brasil; Costa Oriental Africana; Indo-Portuguesa; Influência Mogol/Muçulmana; Cingalo-Portuguesa; Sudeste Asiático; Sino-Portuguesa; e Nipo-Portuguesa (Namban).

De referir, finalmente, que a importância das vertentes não é idêntica, havendo vertentes com enorme e variadíssima produção e outras muito mais limitadas, havendo vertentes em que a produção durou séculos e outras em que apenas foi realizada em algumas décadas. Claro que nem todas as vertentes produziram bens dos diversos ramos da Arte e que cada uma delas tem características específicas e não confundíveis com as características específicas de cada uma das outras vertentes.

2. Impacto das produções asiáticas e Lusíadas na Europa²

Uma das maiores mudanças ocorridas na Europa, na transição do século XV para o XVI operou-se ao nível da mentalidade das elites. A uma mentalidade centrada no ideal cavaleiresco medieval, sobrepôs-se uma mentalidade centrada no humanismo e na cultura classicista de raízes greco-latinas.

No entanto, em Portugal de meados da primeira metade do século XVI conjugou-se a referida mudança com a cultura renascentista prática, essencialmente portuguesa, derivada das experiências efectivas – proporcionadas pelos Descobrimentos Portugueses, pelas viagens marítimas e pelo conhecimento das realidades fácticas, muitas delas contradizendo a referida cultura erudita renascentista europeia. Em termos culturais e artísticos as consequências foram claras: a primeira introduziu os inovadores hábitos culturais e os novos gostos artísticos da Europa transpirenaica; a segunda trouxe os bizarros hábitos culturais de uma enorme quantidade de povos e civilizações de além-mar, concretamente os seus «esquisitos» bens, de desconhecido aspecto, produzidos em estranhos materiais e com desconcertantes técnicas.

Terá sido na década de trinta, que esta nova realidade cultural conquistou as elites nacionais, repudiando-se a mentalidade e a cultura medieval e, simultaneamente, elogiando-se as novas realidades renascentistas: o homem instruído, culto, letrado, cuidadosamente educado, conhecedor da cultura e da literatura greco-latina, extremamente influenciado pelos conhecimentos e realidades chegados a Portugal por via de navegadores, administradores do Império, clérigos, comerciantes, exploradores e aventureiros, consequência dos Descobrimentos Portugueses e do contacto com novas terras, desconhecidas gentes, insuspeitados hábitos, misteriosos materiais, inovadoras mercadorias e estranhos produtos.

Portugal, através da epopeia dos Descobrimentos, foi pioneiro na importação de bens artísticos exóticos, luxuosos e nunca vistos na Europa, bem como na introdução de grandes quantidades de materiais raros e exóticos, tendo tido o decisivo papel da difusão do gosto pelo consumo dos referidos bens artísticos exóticos e luxuosos, assim como da utilização de matérias-primas ultramarinas na produção de bens na Europa dos séculos XVI e XVII.

O consumo de bens artísticos na Europa dos finais da Idade Média era uma realidade de grandes proporções. A Península Itálica e a Flandres detiveram durante o século XV o predomínio da criação, produção e difusão, para toda a restante Europa, das mais modernas e inovadoras obras de arte, a maior parte delas de cariz essencialmente religioso, outras de carácter funcional, algumas delas já a pronunciar a modernidade. Essa criação, produção e consumo generalizado de obras de arte por parte das elites europeias utilizou exclusivamente modelos ocidentais produzidos, essencialmente, com matérias-primas europeias.

Os Descobrimentos Portugueses vieram alterar profundamente esta realidade a partir da segunda metade do século XV. A partir dessa altura, começarão a entrar na Europa através de Lisboa, novas matérias-primas, umas totalmente desconhecidas dos europeus, outras, que se tinham mostrado até aí de raro e difícil acesso. Com a chegada à Índia em 1498, vão começar a aportar inúmeras obras de arte totalmente estranhas e inovadoras produzidas além-mar, inicialmente, com características totalmente ultramarinas, posteriormente (a partir cerca de 1520), com características miscigenadas entre a cultura e arte portuguesas e as culturas e artes de diversos povos do além-mar – os famosos objectos Lusíadas.

Pela sua raridade, exotismo, beleza, qualidade e valor as obras de Arte Lusíada transformaram-se, rapidamente, em símbolo de riqueza, cultura, prestígio e distinção para a elite portuguesa e, subsequentemente, para as elites da restante Europa – o prestígio e a distinção que as elites europeias procuravam para se superiorizarem aos restantes grupos sociais – exercendo primeiramente um enorme fascínio sobre as elites portuguesas, desencadeando uma forte procura pela sua obtenção. Posteriormente, com a intensificação do transporte de obras de Arte Lusíada, tal procura alargou-se às elites da restante Europa.

3. O papel da rainha Dona Catarina de Áustria (1507-1578).Uma castelhana³

Para a difusão do gosto e da vontade de possuir objectos de Arte Lusíada entre as elites portuguesas e do resto da Europa teve um papel crucial a nova rainha de Portugal – Dona Catarina de Áustria, castelhana de nascença, irmã do imperador Carlos V (1500-1558). Terá sido com a sua chegada, em 1525, ao reino europeu que detinha o exclusivo da navegação e do comércio com grande parte do mundo ultramarino desenvolvido, que ela se interessará e apaixonará pelas maravilhas vindas do além-mar. Para tal, muito terá contribuído o seu acesso em primeira mão aos bens vindos do Índico, quer através de presentes oferecidos por

soberanos locais ou por portugueses que demandavam aquelas paragens, quer através dos seus representantes, especialmente enviados à Ásia para o efeito. Está registado que foram adquiridos para a Rainha bens de luxo asiáticos em diversos locais da Ásia, tendo-se, inclusive, organizado um sistema para se obter esse tipo de bens, através de altas patentes portuguesas na Ásia, oficiais da casa da Rainha, ourives e comerciantes. Muitos dos objectos da sua colecção custaram, na época, quantias surpreendentemente elevadas.

Sabemos que Dona Catarina foi uma dedicada e entusiasta colecionadora de bens exóticos, incluindo inúmeras peças de mobiliário Lusíada, que se encontravam guardados no Paço da Ribeira, em Lisboa, onde se constituiu a primeira «Kunstkammer» europeia a possuir, ao lado dos tradicionais bens de origem europeia, as preciosidades e os objectos exóticos provindos do além-mar, especialmente da Ásia com que os portugueses diariamente contactavam. Ao integrar estas preciosidades e bens exóticos ultramarinos na sua «Kunstkammer», a Rainha de Portugal modificará, decisivamente, o universo de bens que, daqui para a frente, quase até meados do século XVII, passarão a compor os «gabinetes de maravilhas» das elites europeias. Estes, passarão sobretudo a integrar obras de Arte Lusíada e oriental, matérias-primas e produtos exóticos, «*naturalia*» marítima e ultramarina, objectos fantásticos e bens com propriedades terapêuticas e protectoras, numa parafernália e diversidade nunca vista, transformando a procura por esse tipo de produtos numa verdadeira competição colecionista e económica entre inúmeros membros das elites sociais, políticas, culturais e económicas da Europa, destacando-se entre eles diversos soberanos.

A referida inovação terá começado por se registar em Portugal, através do acesso directo que muitos membros das elites portuguesas – quer tenham estado ou não no Índico – tiveram aos bens e produtos vindos pelas rotas marítimas. Por outro lado, o facto da principal figura da corte – a rainha – possuir uma colecção integrando, em grande quantidade, objectos de Arte Lusíada e asiáticos de luxo e exóticos vindos do além-mar, muito terá contribuído para que, inicialmente no seu círculo mais chegado – os cortesãos – e, posteriormente, em círculos mais alargados, as elites portuguesas tenham tido tendência para copiarem esta nova moda. Acresce que sabemos que a rainha Dona Catarina teve directa relevância na difusão deste novo gosto ao presentear pessoalmente senhoras da sua Casa e membros da sua corte com obras de arte e produtos exóticos vindos do Oriente.

No entanto, foi conjuntamente com o seu marido – o rei D. João III (1502-1557) – que seguiu uma política sistemática de ofertas de bens exóticos e de luxo de origem ultramarina, incluindo objectos de Arte Lusíada, aos seus parentes da Casa de Habsburgo espalhados pelos diversos reinos europeus. A Casa de Habsburgo possuiu soberanos, rainhas consortes e descendentes reinantes em grande parte das cortes da Europa do século XVI, tais como: o Sacro-Império, governando directamente na Áustria, na Boémia e na Hungria; os Países Baixos; a Espanha; Portugal; a França; a Dinamarca; a Suécia; a Polónia; e, até episodicamente, a Inglaterra; para além de diversas casas soberanas itálicas – Sabóia, Parma, Mântua, Toscana – e uma germânica – Baviera. Essa política de

presentear os seus parentes da Casa de Habsburgo, e outras grandes individualidades europeias como o Papa, tinha como principais objectivos aproximar as casas reinantes e, simultaneamente, demonstrar o poder, a cultura, a riqueza e o esplendor dos reis de Portugal e da sua corte, aumentando-lhes o prestígio internacional.

Tal prática incentivou a vontade de adquirir e possuir tais tipos de objectos, levando a que muitos dos referidos membros da Casa de Habsburgo passassem a dirigir-se directamente a Lisboa, através de representantes diplomáticos ou de agentes comerciais, na tentativa de aí adquirirem bens exóticos e de luxo para as suas respectivas «Kunstkammer», incluindo os objectos de Arte Lusíada, recorrendo, por vezes, à ajuda de Dona Catarina para os obter.

Dona Catarina também terá exibido a sua «Kunstkammer» a diversos diplomatas e visitantes estrangeiros, que terá presenteado com bens exóticos e de luxo, contribuindo, deste modo, para a divulgação deste tipo de objectos ultramarinos, pelo resto da Europa.

Não subsiste a mais pequena dúvida que Portugal e a sua Rainha desempenharam, ao longo do século XVI, o papel único de difundir pelo Velho Continente as obras de arte provindas do além-mar, a esmagadora maioria delas com origem Lusíada, com grande influência asiática nas decorações, nos materiais e nas técnicas. Esta realidade esteve na origem da moda e do «clima» de apreço pelo mobiliário Lusíada entre as elites europeias ao longo da segunda metade do século XVI, atingindo grandes proporções nos inícios do século XVII – como as colecções do arquiduque Fernando II do Tirol (1529-1595) e do imperador do Sacro Império Rodolfo II (1552-1612) bem documentam –, contribuindo para que o Mercado de Arte da época conferisse grande apreço, apetência e valor às peças de mobiliário Lusíada e, desse modo, se incentivasse a sua encomenda, a sua produção, a sua circulação e o seu consumo, por vezes, numa atitude colecionista.

3. A chegada dos primeiros objectos de Arte Lusíada a Espanha.

A rainha Dona Catarina de Áustria foi a primeira pessoa a enviar objectos Lusíadas para a corte espanhola. Sendo castelhana de nascimento, irmã e tia dos quase únicos dois soberanos espanhóis do século XVI – Carlos V (1516-1556) e Filipe II (1556-1598) – a sua relação com a corte espanhola foi constante, potenciada pelo facto da sua cunhada portuguesa ter casado com o seu irmão Carlos e dos seus dois filhos que chegaram à idade adulta aí terem casado.

Assim, foram proprietários de peças de mobiliário Lusíada diversos membros da Casa Real Espanhola residentes em Espanha: a Imperatriz Dona Isabel de Portugal⁴ (1503-1539); seu marido, o imperador Carlos V⁵ (1500-1558); a filha de ambos, Dona Joana de Áustria⁶ (1537-1573), casada com o príncipe D. João Manuel de Portugal (pais do rei D. Sebastião) e fundadora do Mosteiro das Descalças Reais, em Madrid, possuidor, na actualidade, de diversas peças de mobiliário Lusíada (Fig. 1); o filho Filipe II⁷ (D. Filipe I de Portugal) (Fig. 2); e

seu neto, o príncipe Carlos⁸ (1545-1568); o cardeal-arquiduque Alberto de Áustria⁹ (1559-1621), vice-rei de Portugal (1583-1593), sobrinho e genro de Filipe II (Fig. 3); Isabel de Valois¹⁰ (1545-1568), terceira mulher de Filipe II; e, ainda, os mais novos filhos deste.¹¹



Fig. 1. Cofre de tampa facetada, Lusíada, teca, revestimento integral a marchetaria de madrepérola fixa por pinos de prata e de ouro com esmaltes, cristais coloridos simulando rubis e esmeraldas “Círculos e outras figuras geométricas”, aplicações em prata gravada e cinzelada, pés de «bolacha» em prata. trabalho das aplicações europeu provavelmente de origem espanhola, provável falta de uma pega superior, vertente de influência Mogol, séc. XVI (2º quartel). Dim. – 14 x 25 x 15 cm Mosteiro das Descalças Reais, Madrid, Espanha, inv. n.º 0610923. Fonte: *Exotica - Os Descobrimentos Portugueses e as Câmaras de Maravilhas do Renascimento*, pp. 112-113, n.º 19.



Fig. 2. Cofre com tampa polilobada, Lusíada, tartaruga, aplicações em prata cinzelada “Dragões e animais diversos entre vegetação”, pega em prata esculpida com extremidades em forma de “Serpente”, vertente indo-portuguesa, séc. XVI (4º quartel). Dim. 13 x 30 x 19 cm. Este cofre, com outro semelhante, constituiu um presente da imperatriz Maria a seu irmão Filipe II, tendo

dado entrada no dia 2 de Novembro de 1597 no osteiro de São Lourenço do Escorial, Espanha, encontrando-se colocado na capela relicário da Anunciação do referido Mosteiro. Fonte: *Exotica - Os Descobrimentos Portugueses e as Câmaras de Maravilhas do Renascimento*, Catálogo da Exposição realizada no Museu da Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, pp. 135-136, nº 36.



Fig. 3 – Tampo de mesa de engonços dito «do cardeal Alberto», Lusíada, angelim integralmente revestido a laca com dourados “Veados, corças e pássaros entre vegetação”, engonços (dobradiças) em metal amarelo, vertente do Sueste Asiático, séc. XVI (2ª metade). Dim. – 121 x 96,4 cm. Pertenceu ao vice-rei e inquisidor de Portugal, cardeal-arquiduque Alberto de Áustria (1559-1621) e posteriormente ao arquiduque Fernando II do Tirol constando do inventário da sua herança de 1596 – “um tampo de mesa indiano do cardeal”.¹ Museu de Artes Aplicadas de Viena, Áustria – inv. nº LA 280. Fonte: *Exotica - Os Descobrimentos Portugueses e as Câmaras de Maravilhas do Renascimento*, pp. 178-179, nº 68.

4. A relevância da Monarquia Dual (1580-1640).

Em 1580 Filipe II tornou-se rei de Portugal – por herança, por «compra» e por conquista militar – passando automaticamente a ser o destinatário das extraordinárias ofertas diplomáticas que diversas personalidades asiáticas enviavam para o rei de Portugal¹².

Com a sua subida ao trono português transformou-se senhor do maior império alguma vez conhecido. Por outro lado, a própria tomada de poder em Lisboa foi extremamente fecunda em termos de obras de arte. Na prática, Filipe II passou a ser o proprietário de todas as riquezas – incluindo as orientais e, mais especificamente, as Lusíadas – que tinham pertencido aos anteriores reis de Portugal, tendo transferido para Espanha, enquanto proprietário, aquilo pelo qual se interessou. Só assim se explica “... *que o velho paço Real [da Ribeira] se encontrasse quase deserto quando [em 1640] D. João IV o tomou como residência real ... [tendo sido necessário trazer] do Paço Ducal Brigantino, os principais adornos, sejam mobiliário, tapeçarias, cerâmicas, pratas e outros aprestos*”.¹³

Tudo começou com o saque de Vila Viçosa (sede da Casa Ducal de Bragança), Setúbal, Cascais e, sobretudo, dos arredores de Lisboa. Tendo dado ordens expressas para Lisboa não ser saqueada, Filipe II permitiu que os soldados do duque de Alba (1507-1582) pudessem saquear os seus arrabaldes. Arrabaldes que estavam cheios de bens e de preciosidades devido à peste de 1579 e, principalmente, ao medo que as tropas do duque de Alba saqueassem Lisboa. Assim, os arrabaldes viriam a revelar-se um autêntico cofre recheado de tesouros asiáticos. Sendo o mais importante interposto comercial europeu de bens vindos do além-mar, Lisboa tinha-se tornado numa cidade cheia de riquezas asiáticas.¹⁴

O saque permitido das riquezas e dos bens existentes nos arrabaldes foi claramente compensador e satisfaz plenamente as tropas, deixando aparentemente a cidade de Lisboa intacta, o que era o primordial objectivo político de Filipe II. Dizemos aparentemente porque “*dentro da cidade decorre outro saque, e este parece-me perpétuo conforme se apresenta, porque se prendem e resgatam os homens e tomam-se-lhes os seus bens de valor, dizendo-se que tomaram o partido de D. António [Prior do Crato]*”.¹⁵

Terá sido durante as campanhas de conquista de Portugal que mais bens Lusíadas terão sido saqueados e roubados, seguindo a maior parte deles para Espanha. No entanto, durante os sessenta anos de monarquia dual muitos outros importantes bens levaram, também, o caminho de Espanha. Lembremos que uma parte muito significativa dos mais importantes e poderosos comerciantes de bens ultramarinos transferiu a sede dos seus negócios para Madrid para ficarem mais perto do centro das decisões. Também a alta nobreza titular se deslocou para a capital espanhola ao longo dos sessenta anos da monarquia dual. A título exemplificativo, recordemos que dos três duques portugueses existentes em 1580 – Bragança, Aveiro e Vila Real – dois encontravam-se em Madrid em 1640 – Aveiro e Vila Real. Apenas o duque de Bragança se manteve em Portugal, até para preservar os seus «direitos» e pretensão à coroa. Esta realidade teve como

consequência a saída e, sobretudo, a ida directa para território espanhol de inúmeras peças de mobiliário Lusíada, vindos pela Rota do Cabo.

As duas piores consequências da monarquia dual para Portugal foram: a) o facto do local de decisão se ter deslocado para Madrid, significando, na prática, que as decisões relativas a Portugal e ao seu vasto império ultramarino deixaram de ser a primeira prioridade para o Rei, sendo relegadas para segundo plano, não sendo tão rápidas, não se afectando o mesmo nível de recursos para a sua manutenção e desenvolvimento e sujeitando por vezes algumas decisões aos superiores interesses da Espanha; b) o facto dos tradicionais inimigos da Espanha – Inglaterra e Holanda – passarem também a ser inimigos de Portugal, sentindo-se «autorizados» a poderem atacar as possessões portuguesas um pouco por todo o mundo.¹⁶

As duas mais importantes consequências foram: a) o facto dos grandes comerciantes portugueses terem passado a circular, directa (obtendo a nacionalidade espanhola) ou indirectamente (através de representantes com nacionalidade espanhola), pelo espaço ibérico e ultramarino espanhol – sendo o inverso expressamente proibido pelas cortes de Tomar de 1581 –, tornando-se desta forma, os primeiros e únicos comerciantes na época com dimensão verdadeiramente planetária¹⁷; b) o facto dos consumidores espanhóis – Casa Real, membros da nobreza e do clero, igrejas, conventos e casas religiosas – terem passado a ter acesso directo e rápido às mercadorias do Império Português, concretamente às peças de mobiliário Lusíada, que passaram a estar disponíveis no mercado espanhol e, conseqüentemente, ter aumentado consideravelmente a sua encomenda, aquisição e consumo: Estas encomendas e aquisições realizavam-se através dos comerciantes portugueses e espanhóis que se abasteciam em Lisboa ou directamente nos Mercados de Arte do Índico e do Extremo Oriente. No primeiro caso os bens chegavam via Lisboa. No segundo caso os bens chegavam por via de Manila (Filipinas) e da Nova Espanha (México) – Acapulco e Cartagena das Índias.

Podemos então concluir que a monarquia dual potenciou em grande escala a ida de móveis Lusíadas para Espanha, assim como a sua encomenda, aquisição e consumo pelas elites espanholas: membros da Casa Real, personalidades da nobreza e do clero, igrejas e instituições religiosas.

5. A via de Manila.

A via de Manila foi, seguramente, a mais importante e significativa forma das peças de mobiliário Lusíada chegarem a Espanha.

Para se poder entender o comércio de matérias-primas e de mercadorias e a produção artística no Extremo Oriente – China e Japão –, nela incluindo o mobiliário Lusíada, é necessário ter-se em conta a importância da viagem triangular entre a China/Macau, o Japão e as ilhas Filipinas. Na verdade, sendo o único ponto de permanência espanhola no Oriente, posteriormente acompanhado por Ternate, as Filipinas permitiram a entrada na Ásia, via o oceano Pacífico, de

importantes quantidades de prata e de outros produtos com origem nas Américas e na própria Espanha. Simultaneamente, pela mesma via, mas em sentido inverso, as Filipinas foram uma extraordinária via alternativa de comerciar entre a Ásia e a Europa a partir dos inícios de seiscentos, quando holandeses e ingleses se tornarem mais poderosos nos oceanos Índico e Atlântico, constituindo forte impeditivo para os comerciantes privados portugueses fazerem transitar as suas mercadorias pela Rota do Cabo e, também, entre o mar da China e o oceano Índico devido ao bloqueio do estreito de Malaca pelos holandeses.

Deste modo, as Filipinas, não sendo ricas em matérias-primas nem materialmente desenvolvidas, tiveram um papel fundamental na economia imperial espanhola ao integrá-la no Extremo Oriente, uma vez que as embarcações espanholas apenas negociavam no mar da China, nunca passando para lá de Malaca – “... os espanhóis não conservam em seu poder estas ilhas por razão da sua riqueza, mas somente para fomentar o trato e comércio com os chineses, porque não sendo permitido aos estrangeiros ir à terra firme da China, é necessário haver algum outro lugar, que sirva de acolheita e escala às mercadorias que os chineses trazem. E para o mesmo efeito têm os portugueses a ilha de «Macau»”.¹⁸

Para se poder entender a importância de Manila e da rota espanhola do Pacífico, temos de nos deter na análise de uma específica matéria-prima: a prata. A prata era, juntamente com o ouro, um dos dois mais importantes bens de troca comercial no Oriente, sobretudo na China, onde a prata era especialmente pretendida, valendo mais do que em qualquer outro local do mundo. Assim sendo, rapidamente os espanhóis perceberam a importância de enviarem prata para o mercado do Extremo Oriente via Manila. No entanto, esse mercado era dominado pelos portugueses de Macau que tudo fizeram para não o perder para a concorrência espanhola. A pretensão espanhola de aceder directamente às costas da China e do Japão tinha, assim, o óbvio intuito de eliminar um intermediário – os portugueses. No fundo, quem controlasse o acesso à prata controlaria o comércio com a China, o mais lucrativo comércio mundial da época, pela especial valorização aí atribuída à prata, cerca do dobro do que em qualquer outro local – “... a principal mercadoria que se leva de Goa a Macau é prata, porque na China a prata é muito procurada, e a maior parte da prata que vai da Europa e por via de Ormuz às Índias orientais, escoá-se toda para a China; e semelhantemente a que vem das partes do Japão e Índias ocidentais pelo mar do sul e ilhas Filipinas ... [vinda] do Peru, Nova Espanha, México, Chile e outros lugares destas partes”.¹⁹

Estamos agora em melhores condições para entender a tentativa desesperada e estratégica dos portugueses de Macau para evitar o contacto directo dos espanhóis com as costas da China e do Japão, defendendo o «seu» mercado e negócio no Extremo Oriente – o das zonas costeiras que ligava Macau, Malaca, Cantão, Nagasaki e Manila –, onde, a par com uma miríade de matérias-primas, bens e produtos, circulavam inúmeras peças de mobiliário Lusíada, de produção chinesa e, sobretudo, de produção japonesa (Namban). O acesso directo dos espanhóis às matérias-primas e mercadorias chinesas e japonesas seria desastrosa para o comércio português nestas paragens, fazendo diminuir a

quantidade dos negócios e, simultaneamente, aumentar o valor dos bens devido à concorrência.

Assim, o intuito dos portugueses era serem eles a resgatar a prata em Manila, trocando-a posteriormente na China a preços muito vantajosos. As obras de Arte Lusíada, incluindo o seu mobiliário – juntamente com os têxteis, as especiarias, as pedras preciosas, as porcelanas e outros produtos asiáticos – constituíam uma das mercadorias de troca que os portugueses levavam para Manila no intuito de obterem a imprescindível prata. Tal realidade levou a uma terrível batalha diplomática junto do Papa e do Rei de Espanha (e de Portugal), com o intuito de proibir as ordens religiosas sediadas em Manila e os comerciantes espanhóis de entrarem no «espaço» português do Extremo Oriente.²⁰ Os portugueses foram, tanto quanto possível, limitando o acesso dos espanhóis de Manila à China e ao Japão. Don Juan Cerezo Salamanca, governador das Filipinas entre 1633 e 1635, informava Madrid, em 1633, de que o comércio com a grande China tinha declinado, em grande medida porque os portugueses se tornaram senhores dele, uma vez que estão muito mais perto – em Macau.²¹

Foi seguramente através de Manila e do Pacífico, que a maior parte do mobiliário Lusíada do Extremo Oriente terá entrado em Espanha na primeira metade de seiscentos, como comprova a alteração realizada na América, por essa época, a um escritório Lusíada. (**Fig. 4**)

Manila foi assim uma cidade onde comerciantes e homens de negócios portugueses (e da Europa transpirenaica), vindos do Índico, se deslocaram com frequência, chegando a aí permanecer por temporadas e, inclusive, a possuir propriedades. Também os chineses se deslocaram a Manila para comerciar – “... fazem os da China grande trato, trazendo todo o género de mercadorias do seu país, tal como ... escrivatinhas e coisas semelhantes ... Anualmente, ali chegam até 20 navios da China, cujas mercadorias são de novo embarcadas pelos espanhóis e transportadas para Nova Espanha e México, numa carreira que é hoje tão comum como a da Índia para Portugal”²² e “normalmente vêm da grande China a Manila muita quantidade de «somas» e juncos, que são navios grandes, carregados de mercadorias, e cada ano costumam vir trinta e outras vezes quarenta navios ... Estes navios vêm carregados de ... pequenas caixas e escritórios e camas, mesas e cadeiras e bancos dourados e jaspeados de muitas figuras e entalhamentos ... e curiosidades que referi-las todas seria nunca acabar, nem chegaria muito papel para o fazer”.²³

Por seu turno, os contactos recíprocos entre os espanhóis de Manila e os japoneses estão documentados – em 1605 “as entradas no Japão [via Manila] dos religiosos descalços de São Francisco e dos de São Domingos e de Santo Agostinho em diversas províncias foram continuando, tanto em navios castelhanos que nesse ano se despachou para os reinos de «Quantó», como em outros de japoneses que com a sua prata ... vieram a Manila fazer negócio, com autorização de Tokugagua Ieyasu”²⁴, apesar da proibição expressa, do Papa e do Rei, dos padres de Manila poderem ir ao Japão (proibição levantada em 1608). A mesma fonte refere ainda que “do Japão vêm mesmo assim cada ano do porto de Nagasaki ... alguns navios

*de mercadorias de japoneses e de portugueses que entram e surgem em Manila ... trazendo ... biombos a óleo e dourados, finos e bem guarnecidos ... pequenos escritórios, caixas e pequenas caixas de madeira com vernizes [laca] e decorações curiosas”.*²⁵ Alguns japoneses estariam mesmo radicados em Manila. Aliás, não se pode entender a produção Lusíada nipónica – Namban – sem se ter em atenção a influência exercida na sua encomenda, transporte e consumo pelos espanhóis, a partir da primeira década de seiscentos.



Fig. 4 – Escritório, Lusíada - Arte Namban, alterado e transformado em sacrário, madeira integralmente revestida a laca negra, incrustações de madrepérola e pinturas a ouro Paisagens com tigres com pele de leopardo, pavões e outras aves entre densa vegetação de árvores, flores e plantas”, tarjas com decoração geométrica “Círculos, triângulos e losangos”, puxadores em cobre dourado, vertente nipo-portuguesa, período Momoyama (1573-1615), falta da prancha traseira e de toda a estrutura do interior e das respectivas gavetas que foram utilizadas, provavelmente na 2ª metade do século XVII na América espanhola, para se produzir: a coroa de quatro hastes encimada por cruz; as quatro bases quadradas para velas; e os recortes salientes laterais para velas, aplicações posteriores em prata encastradas com pedras coloridas. Dim. – 76,7 x 64 x 30,2 cm e 33,3 x 44,4 x 30,2 cm (escritório original). Convento de Clarissas de São João da Penitência, Alcalá de Henares, Espanha. Fontes: IMPEY, Oliver; JÖRG, Christiaan J. A. – *Japanese Export Lacquer – 1580-1850*, Amsterdão: Hotei Publishing, 2005.p. 185, nº 441; e *Lacas Namban: Huellas de Japón en España. IV Centenario de la Embajada Keichō*, pp. 382-387, nº 20.

A inclusão, no comércio com as Filipinas, de peças de mobiliário Lusíada está, como vimos, sobejamente atestada – *“de Maluco e de Malaca e da Índia vêm a Manila cada ano alguns navios de portugueses com mercadorias ... camas e escritórios, pequenas cadeiras de estrado e outras peças douradas curiosamente feitas em Macau”.*²⁶

Todavia, no curto espaço de dois anos três acontecimentos modificaram drasticamente o comércio no Extremo Oriente. Em 1639 os portugueses foram definitivamente expulsos do Japão (os espanhóis já o haviam sido em 1625, tendo já anteriormente, pelo Édito de 1623, sido proibidos os comerciantes japoneses de irem negociar a Manila). Em 1640 Portugal revoltou-se contra o domínio espanhol e restaurou a sua independência. Em 1641 Malaca foi perdida para os

holandeses. Com a impossibilidade de comerciar com o Japão e com a restauração da independência portuguesa, Manila viu os seus negócios serem drasticamente prejudicados, perdendo totalmente o acesso ao Japão e a Macau, e em grande medida à China.

6. Mercado de Arte ao longo dos séculos.

Estando historicamente comprovado que as peças de mobiliário Lusíada chegaram a Espanha entre 1530 e 1640 em grande quantidade – primeiro através de ofertas, depois por aquisições em Lisboa, mais tarde devido à monarquia dual e, finalmente, pela via de Manila e da Nova Espanha – integrando patrimónios da Casa Real, de famílias da nobreza, de igrejas e de instituições religiosas, neles se tendo mantido quase inalteradamente até meados do século XIX, quando o Mercado de Arte europeu se começou a desenvolver. A comprovar tal realidade temos a grande quantidade de peças de mobiliário Lusíada que integram actualmente museus (Fig. 5), colecções públicas e privadas, igrejas e conventos (Figs. 1, 2 e 4) espanhóis –, e a frequência com que móveis Lusíadas têm parecido no Mercado de Arte espanhol nas últimas décadas, muitos deles adquiridos por coleccionadores e comerciantes portugueses.



Fig. 5 – Cadeira de assento baixo, Lusíada, madeira entalhada, revestimento integral a laca negra com pinturas a ouro “Motivos vegetalista”, assento em corda de fibra de ananeira, vertente do Sueste Asiático, séc. XVI (2ª metade). Dim. – 65 x 75,5 x 60,5 cm Museu d’Història de la Ciutat de Barcelona, Museu Monestir de Pedralbes, Barcelona, Espanha. Fonte: CARVALHO, Pedro Moura – *Luxury for Export: Artistic Exchange Between Índia and Portugal around 1600*, pp. 30-33, nº 3; e http://www.gardnermuseum.org/collection/exhibitions/past_exhibitions/luxury_for_export?filter=exhibitions:3320 – consultada a 05-04-2014, às 14h14m.

Para o desenvolvimento do Mercado de Arte foi crucial o papel pioneiro desempenhado, sobretudo a partir da segunda metade de oitocentos, por alguns museólogos, colecionadores e comerciantes não ibéricos que se deslocaram a Espanha e que, aqui, adquiriram importantes obras de arte, nas quais se incluem algumas peças de mobiliário Lusíada, como o cofre de tartaruga adquirido em San Sebastian, em 1919, por W. L. Hildburgh (coleccionador norte-americano) comprova – Fig. 6.



Fig. 6. Cofre, Lusíada, tartaruga, aplicações de prata gravada “Aves, outros animais e folhas”, fecho de caixa com batente da fechadura em prata esculpida “Salamandra”, pega em prata esculpida “Cabeças de cobras”, vertente indo-portuguesa, séc. XVI (2ª metade). Dim. – 13 x 28 x 14 cm O presente cofre foi adquirido em San Sebastian (Espanha), em 1919, por W. L. Hildburgh, um colecionador americano de bens espanhóis de metal, que o ofereceu ao V&A em 1955. Victoria & Albert Museum, Londres, Inglaterra – nº inv. M. 10-1945. Fonte: JAFFER, Amin – *Luxury Goods from India - the art of the indian cabinet-maker*. Londres: V&A Publications, 2002, p. 17, nº 2.

Não podemos deixar de referir que nas últimas décadas inúmeras peças de mobiliário Lusíada apareceram no Mercado de Arte espanhol, no mundo do antiquariato e dos leilões. Mais recentemente, com o desenvolvimento da visibilidade internacional das principais casas leiloeiras portuguesas e com o exponencial aumento do valor de venda que os móveis Lusíadas têm atingido em Portugal, diversos proprietários de mobiliário Lusíada têm optado por colocar directamente os seus bens à venda em casas leiloeiras portuguesas – **Figs. 7 a 9**.

Finalmente, temos de realçar o papel desempenhado pela historiografia de arte espanhola e pela sua museologia no desenvolvimento do conhecimento das peças de mobiliário Lusíada existentes em Espanha, como a exposição *Lacas Namban: Huellas de Japón en España. IV Centenario de la Embajada Keichō*, realizada em 2013-2014, e a qualidade dos textos e do catálogo «raisonné» publicados²⁷, bem comprovam.



Fig. 7. Contador de oito gavetas simulando nove, com trempe, Lusíada, teca, revestimento integral a archetaria de ébano, teca e marfim “Águias bicéfalas, fauces de leão, enrolamentos com cabeças de animais fantásticos, vasos suportando «Árvores da Vida» com pássaros nas ramagens e motivos vegetalistas”, trempe composta por dois corpos, um intermédio com duas gavetas e o inferior com um gavetão, saial recortado e pernas esculpidas “Nagini”, pegas e fechaduras em ferro, interiores refeitos, vertente de influência Mogol, séc. XVII (1º quartel). Dim. – 138 x 83 x 50 cm. Proveniência: duques de Albazan, Espanha. Fonte: Cabral Moncada Leilões – *Leilão nº 44*, lote nº 254. Lisboa: Cabral Moncada Leilões, 27, 28 e 29 de Março de 2000.



Fig. 8. Contador (originalmente de duas portas), Lusíada, madeira, revestimento integral a laca negra com pinturas a ouro e prata “Paisagens com aves e flores” simulando as decorações Namban, puxadores em ferro, vertente sino-portuguesa, séc. XVII (1ª metade), falta das duas portas, restauros, frente das duas gavetas inferiores refeitas, pequenas faltas e defeitos. Dim. - 68 x 95 x 48 cm Fonte: Cabral Moncada Leilões – *Leilão nº 128*, lote nº 418. Lisboa: Cabral Moncada Leilões, 30 e 31 de Maio, 1 de Junho de 2011.



Fig. 9 – Escritório, Lusíada – Arte Namban, madeira integralmente revestida a laca negra, pintura a ouro com incrustações de madrepérola “Veado e flores diversas”, ferragens em cobre gravado, interior com doze gavetas de imensões diversas, pequenos restauros, vertente nipo-portuguesa, transição do período Momoyama (1573-1615) / período Edo (1615-1868), séc. XVII (1º quartel). Dim. – 34 x 59 x 33,5 cm. Proveniência: colecção privada, Espanha. Fonte: Cabral Moncada Leilões – *Leilão nº 166*, lote nº 630. Lisboa: Cabral Moncada Leilões, 2 e 3 de Março de 2015.

NOTES

¹ Vd. MONCADA, Miguel Cabral de – *Mobiliário Lusíada – Uma Sistematização*. In *Mobiliário Português – Actas do 1º Colóquio de Artes Decorativas*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 2008, pp. 153-164.

² Vd. MONCADA, Miguel Cabral de – *O Gosto pelo «ultramarino» no Portugal dos séculos XVI e XVII e a sua influência na Europa*. In *O Gosto na Arte – Idade Moderna*, pp. 8-26. Lisboa: Scribe, 2014, pp. 9-12.

³ Vd. JORDAN, Annemarie – *A rainha colecionadora – Catarina de Áustria*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2012; e MONCADA, Miguel Cabral de – *O Gosto pelo «ultramarino» no Portugal dos séculos XVI e XVII e a sua influência na Europa*, pp. 12-15.

⁴ Um cofre de madeira revestida a marchetaria de madrepérola, proveniente de Cambaia, e uma mesa “... da China da Índia toda dourada com personagens e a negro...” – Vd. REDONDO CANTERA, María José – *Formación y gusto de la colección de la emperatriz Isabel de Portugal*. In *El Arte en las Cortes de Carlos V y Felipe II*, pp. 225-236. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, CSIC, 1999, pp. 231-233.

⁵ “... uma caixa em marfim ...” asiática – cf. TRNEK, H. – *Objectos Exóticos nas Kunstkammer dos Habsburgos*. In *Exotica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 40; e “duas caixas de ébano” que sua irmã Dona Catarina lhe ofereceu contendo três pares de óculos – cf. CADENAS Y VICENT, Vicente de – *Hacienda de Carlos V al fallecer en Yuste*. Madrid: Hidalguia, 1985, p. 21.

⁶ “... um sumptuoso jogo de xadrez, mais tarde oferecido à princesa D. Joana ...” pela rainha Dona Catarina – cf. BUESCU, Ana Isabel – *Catarina de Áustria, Infanta de Tordesilhas, Rainha de Portugal*, p. 270, nota 17; e “un cofre de marfil, labrado de imaginería y lazos, guarnecido em partes de ouro, com rubiés de Ceylán, que es en la India de Portugal, com cerradura y llave de oro, que tiene el anillo lleno de los dichos rubinicos, que en siete partes tiene saltados los rubinicos y en outras el pestillo está quenbrado”, oferecido pela rainha Dona Catarina, sua sogra – cf. PÉREZ PASTOR, C. – *Inventarios de los bienes que quedaron por fin y muerte de Doña Juana, Princesa de Portugal, Infante de Castilla – 1573*. In *Memorias de la Real Academia Española – Tomo XI*, pp. 315-380. Madrid: Imprenta de los Sucesores de Hernando, 1914, p. 355.

⁷ “... um cofre de marfim trabalhado e com tampa abaulada, cuja montagem em ouro adornada com pedras preciosas ...”, “... dois «escritorios» e seis «escribanias de asiento» mais pequenas, cuja origem respectiva está anotada como sendo a China” e um “... cofre em tartaruga ...” (Fig. 2) oferecido pela imperatriz Maria, e doado, posteriormente, ao Mosteiro do Escorial juntamente com mais três cofres – cf. TRNEK, H. – *Objectos Exóticos nas Kunstkammer dos Habsburgos ...*, pp. 43-45 e fig. 4; SILVA, Nuno Vassallo e – *Cofre-relicário*. In *Exotica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, pp. 135-136; e *Inventario de las alhajas, relicarios, estatuas, pinturas, tapices y otros objetos de valor y curiosidad donados por el rey don Felipe II al Monasterio de El Escorial. Años de 1571 a 1598 - itens 454-455, 536 e 546*. In *Boletín de la Real Academia de la Historia*. Madrid: Real Academia de la Historia, 1930, Tomo 96, pp. 619-620, 642 e 645.

⁸ Uma mesa de abrir e fechar de laca preta de cavalete e duas cadeiras de laca preta e ouro, enviadas por sua avó – vd. BUESCU, Ana Isabel – *Catarina de Áustria, Infanta de Tordesilhas, Rainha de Portugal*, p. 365; e “... uma mesa articulada [de engonços] indiana, muito trabalhada, e toda revestida a madrepérola e com ferragens prateadas ...” que ofereceu a Alberto V, duque da Baviera (1528-1579) – cf. SANGL, Sigrid – *Tabuleiro de xadrez e gamão*. In *Exotica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 115.

⁹ Um tampo de mesa de engonços lacado e dourado – a famosa mesa dita «do Cardeal» (Fig. 3) que ofereceria ao arquiduque Fernando II do Tirol – vd. TRNEK, H. – *Objectos Exóticos nas Kunstkammer dos Habsburgos ...*, p. 51; e FELGUEIRAS, José Jordão – *Tampo de mesa, dito do Cardeal Alberto*. In *Exotica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, pp. 178-179.

¹⁰ Uma mesa com tampo de engonços semelhante à «mesa, dita do cardeal Alberto» que lhe foi oferecida pela rainha Dona Catarina de Áustria – vd. FELGUEIRAS, José Jordão – *Tampo de mesa, dito do Cardeal Alberto*, pp. 178-179; e “... várias peças de mobiliário de laca asiática enviadas [pela Rainha Dona Catarina] ... pouco antes da sua morte ...” – cf. BUESCU, Ana Isabel – *Catarina de Áustria, Infanta de Tordesilhas, Rainha de Portugal*, p. 364.

¹¹ “Dizeis que o vosso irmão [o príncipe herdeiro Diogo Félix (1575-1582)] leria melhor se tivesse mais cuidado; recomendai-lhe que o tenha para que, quando eu regresso, prazendo a Deus, saiba já ler bem e escrever algo e dizei-lhe que, quando souber escrever, lhe envio uma escrivaninha da Índia” – cf. FILIPE II (D. Filipe I de Portugal) – *Cartas para Duas Infantas Meninas - Portugal na Correspondência de D. Filipe I para as Suas Filhas (1581-1583)*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1999 – carta nº IX, pp. 103-104.

¹² Oda Nobunaga (15??-1582), xogún e principal figura política japonesa da época, enviou para o rei de Portugal «um escritório com as suas gavetas», sendo já Filipe II que recebeu o presente – vd. FERRÃO, Bernardo - *Mobiliário Português* - vol. III - *Índia e Japão*, p. 269.

¹³ Cf. SILVA, Nuno Vassallo e – *As Coleções de D. João IV no Paço da Ribeira*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, p. 52.

¹⁴ Vd. VALLADARES, Rafael – *A Conquista de Lisboa - Violência militar e comunidade política em Portugal, 1578-1583*. Lisboa: Texto Editores, Lda, 2010, pp. 87, 106 e 119.

¹⁵ Cf. VALLADARES, Rafael – *A Conquista de Lisboa ...*, p. 119, citando o relatório do Dr. Pareja para o secretário Juan Delgado, Lisboa, 31 de Agosto de 1580. Simancas: Arquivo Geral de Simancas, Secção de Guerra Antiga, leg. 105, doc. 86.

¹⁶ Frei Sebastião Manrique, que esteve na Ásia entre 1629 e 1643, afirmou cirurgicamente que “... como o reino de Portugal entrou na Coroa de Castela e esta, sendo uma Monarquia tão dilatada, não podia acudir com as frotas e socorros tão pontualmente; não só não puderam aqueles Estados fazer maiores progressos, como nem sequer defender-se de tantos inimigos, assim asiáticos como europeus, que contra eles se levantaram” – cf. MANRIQUE, Sebastião (Frei) – *Itinerário de Sebastião Manrique, Itinerário de Sebastião Manrique*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1946, vol. I, p. 190. Tradução nossa.

¹⁷ A partir de seiscentos, os grandes comerciantes portugueses possuíam representantes nas principais cidades europeias – Lisboa, Madrid, Sevilha e Antuérpia, mas também Amsterdão, Paris, Hamburgo, Frankfurt, Londres e Nápoles – e ultramarinas – Goa, Malaca, Macau, Nagasaki, Manila, Acapulco, São Salvador e Luanda – fazendo deslocar as mercadorias e os bens entre estas cidades, quer seguindo a Rota do Cabo, quer circulando pelo Oceano Pacífico – vd. BOYAJIAN, James C. – *Portuguese Trade in Asia under the Habsburgs, 1580-1640*. Baltimore/Londres: The Johns Hopkins University Press, 1993, pp. 241-242.

¹⁸ Cf. PYRARD (de Laval), François – *Viagem de Francisco Pyrard, de Laval*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1944, vol. II, p. 130

¹⁹ Cf. PYRARD (de Laval), François – *Viagem de Francisco Pyrard, de Laval*, vol. II, p. 132.

²⁰ Vd. BOXER, Charles R. – *The Great Ship from Amacon – Annals of Macao and the old Japan Trade, 1555-1640*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963, p. 49.

²¹ Vd. BOXER, Charles R. – *The Great Ship from Amacon ...*, p. 135.

²² Cf. LINSCHOTEN, Jan Huygen van – *Itinerário, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, p. 122.

²³ Cf. MORGA, António de – *Sucesos de las Islas Filipinas*. México: Fondo de Cultura Económica, 2007, pp. 286-288.

²⁴ Cf. MORGA, António de – *Sucesos de las Islas Filipinas*, p. 201.

²⁵ Cf. MORGA, António de – *Sucesos de las Islas Filipinas*, pp. 289-290.

²⁶ Cf. MORGA, António de – *Sucesos de las Islas Filipinas*, pp. 290-291.

²⁷ Vd. *Lacas Namban: Huellas de Japón en España. IV Centenario de la Embajada Keichô*, Catálogo da Exposição realizada no Museu Nacional de Artes Decorativas de Madrid. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte / Japan Foundation, 2013.